

Caixa garante uma negociação tranquila

por Alvaro Barbosa
do Rio



José Carlos
Madeira Serrano

lar, explicou o diretor do BC.

RECURSOS

Mas Serrano dispõe de dados que indicam que os bancos estão confiando na recuperação brasileira. Os recursos aportados pelos bancos dentro dos chamados projetos 3 (linhas de curto prazo para as exportações) e 4 (financiamento interbancário) estão acima do limite acertado. No caso do projeto 3, onde o volume negociado era de US\$ 9,9 bilhões, tem-se registrado um adicional de US\$ 200 milhões a 300 milhões. No interbancário — nível de US\$ 5,9 bilhões — o acréscimo tem oscilado entre US\$ 300 milhões e 400 milhões, segundo Serrano.

As novas projeções do Banco Central para a área externa, que serão encaminhadas aos banqueiros internacionais dentro de algumas semanas, por sua vez, enfatizarão os ganhos que o País tem conseguido nesses últimos meses, disse Serrano. Assim é que o chamado déficit em transações correntes — resultado líquido da troca de mercadorias e serviços (inclusive juros) com o exterior — ficará substancialmente abaixo dos US\$ 5,3 bilhões projetados inicialmente. Serrano está estimando esse déficit em US\$ 3 bilhões para este ano e acha que há condições objetivas para que esse número seja ainda menor, graças ao aumento das exportações.

O otimismo para 1984, porém, não é automática-

mente transferido para o ano que vem. O diretor do BC teme que o Brasil poderá ter problemas crescentes para exportar para a Europa e outros países cujo comércio não se faça em dólar, devido à valorização da moeda norte-americana. Além disso, ele reconhece que os eventuais ganhos que o País possa obter junto aos credores em termos de prazos e custos não serão suficientes se os juros internacionais continuarem subindo.

JUROS

Por isso ele acha que a solução mais duradoura para o problema brasileiro e outros países do Terceiro Mundo depende fundamentalmente de uma redução do déficit público americano. Esse déficit é um componente "abominável" para a elevação das taxas, na expressão de Serrano. Mas mesmo aí ele acha que tem havido ganhos nos últimos meses.

"Até há pouco, o presidente dos Estados Unidos nunca se havia pronunciado sobre os juros altos. Agora ele já se referiu duas vezes, o que indica que poderão vir medidas concretas para a sua redução", acredita Serrano. Isso, a seu ver, resulta da pressão política feita pelos países devedores, como a reunião realizada em Cartagena, na Colômbia, no mês passado. Esses mesmos países irão reunir-se novamente na Argentina, no mês que vem, mas ainda não há data marcada para isso, disse ele. "Essa pressão acaba trazendo resultado", arrematou.

Os créditos à exportação

O Banco Central está tentando convencer os banqueiros internacionais a aumentarem o volume de recursos das linhas de crédito de curto prazo destinadas a financiar as exportações. No mês passado, o Brasil enviou telex a esses bancos garantindo que os recursos adicionais alocados nessas linhas de crédito (projeto 3 da renegociação da dívida) não seriam considerados para efeitos de cálculo dos níveis de risco do banco junto ao Brasil. Até agora, porém, ainda não houve uma resposta

"sensível" a esse pedido do BC, informou o seu diretor da Área Externa, José Carlos Madeira Serrano.

Ele acha no entanto, que a resposta virá aos poucos. "Esse é um processo complexo, que demanda um certo tempo", justifica. E, no seu modo de ver, essa ampliação é fundamental, pois as exportações brasileiras estão atingindo novos patamares. Por outro lado, os bancos já vêm garantindo recursos acima do mínimo negociado inicialmente nos projetos 3 e 4 (interbancário), em torno de US\$ 500 milhões a US\$ 700 milhões, o que demonstra o interesse dos bancos por essas linhas de crédito, segundo Serrano.

As sobras do projeto 1

Dos US\$ 4,4 bilhões que o Brasil captou no exterior através do projeto 1 (recursos novos) da primeira fase de renegociação da dívida externa, US\$ 2 bilhões permaneceram no Banco Central por falta de tomador. A data-limite para o repasse desse dinheiro encerrou-se no final do mês passado, explicou o diretor do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Agora esse dinheiro será transferido pelo BC para o Tesouro, que, por sua vez, o repassará para as estatais para que elas liquide os compromissos pendentes no mecanismo GB 588 (pagamento pelo Tesouro de compromissos das estatais no exterior).

Serrano acha que os bancos "dormiram no ponto" e, por isso, não conseguiram fazer esses repasses para o tomador interno.

Ele acha que mesmo com a queda da demanda interna, seria possível esgotar esses recursos. Mas, além desses dólares, há muito mais dinheiro no BC que, teoricamente, pode ser repassado para o tomador interno. Serrano estima um total próximo a US\$ 21 bilhões, dos quais US\$ 8 bilhões de depósitos voluntários (mecanismo da Resolução nº 432, Resolução nº 63, etc.). Serrano acha que não há o risco de essa massa de recursos ser convertida de uma só vez em cruzeiros, pressionando a base monetária. "Nós estamos aten-

tos a qualquer movimento especulativo", disse ele.

US\$ 3 bilhões em reservas

O Brasil chegará ao final do ano com US\$ 6 bilhões em caixa, e US\$ 3 bilhões de reservas internacionais, segundo as novas projeções do diretor da Área Internacional do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. A previsão inicial era o País chegar em dezembro com US\$ 4,7 bilhões em dinheiro efetivamente disponível (no final do mês passado já estava com US\$ 4,2 bilhões) e apenas US\$ 1 bilhão de reservas — dentro da metodologia adotada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Isto indica que o País está ganhando US\$ 7 bilhões de reservas cambiais neste ano, diz Serrano. No final do ano passado, pelo conceito do FMI, o Brasil tinha reservas líquidas cambiais negativas de US\$ 3,9 bilhões. O fato de as reservas serem menores do que o volume de dinheiro em caixa deve-se a conceitos contábeis do FMI, explicou Serrano. Segundo ele, a entidade subtrai da posição de caixa alguns recursos que entraram para chegar ao conceito de "reservas". Em termos concretos, porém, o fato é que o Brasil está com US\$ 4,2 bilhões aplicados no mercado financeiro internacional, disse ele. Essa melhoria substancial deve-se a balança comercial. Serrano está prevendo um superávit comercial de US\$ 11 bilhões neste ano.

Os riscos dos bônus

O lançamento de bônus brasileiros no exterior tem suas vantagens, mas também implica riscos grandes, avalia um dos diretores do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Uma vantagem é que diversifica a fonte de financiamentos e os juros são fixos. Os riscos, porém, são ponderáveis. Um deles é a imprevisibilidade da evolução da paridade das moedas internacionais. Hoje, as moedas europeias estão superdesvalorizadas frente ao dólar, mas nada indica

que continuaria assim daqui a dez anos, observa Serrano. Assim, há o risco de o Brasil levantar recursos através de uma moeda "fraca" e depois pagar com uma moeda "forte", em termos relativos.

O Brasil, porém, já tem uma experiência razoável no setor, diz Serrano. No período de 1972 a 1982, o País captou US\$ 3,3 bilhões através do lançamento desses papéis na Europa, no Japão e nos Estados Unidos. E o diretor do BC considera "válida" a sugestão do "chairman" da União de Bancos Suíços, Robert Holzach, no sentido de que o País volte a lançar mão desse instrumento. Ainda não há, porém, nenhuma decisão a esse respeito, garantiu Serrano.

RECURSOS para projetos

A melhora substancial das contas externas do País nos últimos dois anos poderá permitir que se volte a fazer financiamentos destinados a projetos específicos, com prazos e condições compatíveis com as suas características. Esta é a previsão do diretor do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano. Segundo ele, a rigidez dos contratos atuais — o dinheiro novo tomado pelo Brasil na fase dois tem nove anos de prazo e cinco de carência — nem sempre se adapta às características de cada projeto.

Por outro lado, os banqueiros internacionais estariam fazendo o seu "ato de contrição" por terem abandonado esse esquema há dez anos, logo após o surgimento dos petrodólares, disse Serrano. "Eu ouço cada vez um maior número de banqueiros dizendo que tem de voltar a dar recursos por projetos específicos, com características diferenciadas", afirmou. E, a seu ver, isso não prejudicaria o Brasil. Para ele, o País ainda dispõe de vários projetos extremamente atrativos aos banqueiros, em que uma parcela poderia ser financiada com recursos externos. Além disso, o Brasil já não estaria precisando de muitos recursos apenas para financiar o seu balanço de pagamentos, complementou.